

O PROFESSOR E CULTURA CORPORAL DA DANÇA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Josy Amélia Silva, FCC
silvajosya@yahoo.com.br
Sumaia Barbosa Franco Marra, UNICERP
sumaiamarra@unicerp.edu.br
Eder Teixeira Piau, UNICERP
ederpiau@unicerp.edu.br

I. INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da cultura corporal da dança como conteúdo da Educação Física Escolar. O interesse em desenvolver um trabalho científico que disserte sobre a mesma advém de experiências com a prática da capoeira e dança, assim como os estágios supervisionados e discussões travadas nas disciplinas de Prática de Ensino na Graduação. O que mais nos instigou foi o fato da dança, quando aparece no contexto escolar, relaciona-se a comemorações festivas como dia das mães, festa junina, festa de fim de ano, entre outras.

Diante desta constatação e acreditando que a dança é um conteúdo relevante da Educação Física, optamos por desenvolver esta pesquisa na tentativa de encontrar respostas fidedignas e/ou justificativas que nos ajudassem a entender a dança no contexto escolar e como linguagem historicamente construída.

II. DANÇA E EDUCAÇÃO/EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo Rangel (2002), a dança no âmbito educacional não é uma discussão desconhecida, nem recente. Na antiga Grécia, por exemplo, a dança já influenciava e era influenciada pela cultura e educação da época.

Sócrates (469-399 a.C) dizia que os guerreiros que sabiam dançar eram sempre os vitoriosos. Platão (428-347 a.C) considerava que a dança tem uma função educacional na formação do indivíduo, unida ao aprendizado de música e canto. E Aristóteles (384-322 a.C), por sua vez, salientava a participação da dança, seu aprendizado e sua prática na educação, com o intuito de favorecer o físico e o intelectual do indivíduo.

Desde longa data, a dança vem contribuindo com a educação do ser humano e hoje faz parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ (PCNs) para Educação Física. O seu ensino visa o desenvolvimento total do indivíduo, fornecendo assim todo tipo de aprendizado que ele necessite não só para vida escolar, mas para vida enquanto cidadão que, dentre outros aspectos, precisa se expressar bem, saber lidar em grupo, aceitar opiniões, sentir-se valorizado, estabelecer contato com outrem sem preconceitos, refletir criticamente sobre as manifestações culturais que o cerca, vivenciar movimentos construídos e constituídos historicamente, ter noção de ritmo e musicalidade ou ainda sentir-se bem e com maior auto-estima.

Em se tratando da aprendizagem infantil, a dança pode ser iniciada com o intuito de estimular sensações táteis, auditivas e visuais, assim como contribuir com os aspectos psicomotores, afetivos e cognitivos, tais como a coordenação motora, flexibilidade, equilíbrio, criatividade, socialização, musicalidade e conhecimentos gerais sobre a dança. A criança, então, pode ter melhores condições de se adaptar e relacionar com os colegas, além de ter maior facilidade no processo de alfabetização. (STEINHILBER, 2000, p.8).

Entretanto, as contribuições desse saber escolar não se restringem às crianças, mas estende-se para toda faixa etária (desde a educação infantil até o ensino médio), pois é de responsabilidade da Educação Física permitir que os alunos conheçam e reflitam sobre as várias manifestações da cultura corporal como o jogo, o esporte, as lutas, a ginástica e, dentre outros, a dança – na tentativa de entender a expressão corporal como linguagem simbólica historicamente construída.

Considerada uma atividade rítmica e expressiva, a dança educacional também desperta preocupações e, portanto, deve ser observada, bem planejada e, muitas vezes, repensada, pois diversos profissionais centralizam o ensino na técnica precisa, pautada em seqüências coreográficas, movimentos repetitivos e apresentações.

“Esta forma de conduzir a dança pode alienar o indivíduo, o corpo fica em segundo plano, faz com que dançar perca seu caráter de liberdade, espontaneidade e completude que tanto seduz o homem na sua mais pura compreensão de unidade.” (RANGEL, 2002, p.56)

¹ *O Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são documentos elaborados pelo governo e representam sugestões educacionais para todas as áreas do conhecimento, inclusive a Educação Física. É necessário investigar e estimular aos educadores a tomarem conhecimento desse documento, a fim de que a prática como atividade educativa seja significativa e que proponha aos envolvidos, a construção do saber com autonomia e dinamismo.*

Portanto, é necessário refletir sobre a função e o papel da dança nas aulas de Educação Física, procurando não limitá-la apenas ao movimento, mas proporcionar ao aluno a liberdade de criá-los e/ou modificá-los, no intuito de despertá-lo para o mundo, em uma relação consigo e com os outros de forma consciente, participativa, crítica, reflexiva e libertadora.

Além disso, precisamos nos ater para novos métodos que possam acompanhar e contribuir com a evolução do ser humano como um todo, focando-o como sujeito da aprendizagem e educando em construção personalística. A Educação Física é capaz de ampliar horizontes e gerar novas concepções de vida atuando como intermediária no processo ensino-aprendizagem, assim como o preparando para viver nessa sociedade globalizada.

III. OBJETIVOS:

- 1) Desenvolver uma pesquisa de campo com os professores de EF das escolas de Coromandel/MG no intuito de saber como a dança insere-se no contexto escolar e de que forma é ensinada nas aulas de EF, assim como os motivos pelos quais é ou não contemplada e as dificuldades/possibilidades para sua implementação;
- 2) Experimentar uma Estratégia de Ensino sobre dança nas séries iniciais do Ensino Fundamental da “Escola Estadual Osório de Moraes”, refletindo coletiva, colaborativa e solidariamente com a professora de EF durante o processo de vivência e experimentação, de forma que conheça as possibilidades e limitações desse tipo intervenção pedagógica;
- 3) Proporcionar um momento de debate sobre o processo vivenciado com todos os professores envolvidos na pesquisa de campo.

V. METODOLOGIA

Para atender aos objetivos elaborados para este estudo optamos por desenvolver uma pesquisa de campo e quase-experimental. A pesquisa de campo ocorreu na medida em que realizamos uma entrevista e debate com os professores de Educação Física das escolas estaduais, municipais e particulares da cidade de Coromandel/MG; e a pesquisa quase-experimental, por fim, no intuito de analisar as possibilidades e limitações do ensino da dança nas aulas regulares de Educação Física escolar por meio da experimentação de uma Estratégia de Ensino na Escola Estadual Osório de Moraes, de Coromandel/MG, na qual envolvemos objetos sociais (pessoas, grupos e instituições).

A amostra caracteriza-se como não-probabilística do tipo intencional e foi composta por:

- a) 100% dos professores de Educação Física das escolas estaduais, municipais e particulares da zona urbana da cidade de Coromandel/MG que oferecem o ensino fundamental e/ou médio;
- b) aos alunos matriculados em uma das salas das séries iniciais do Ensino Fundamental indicada pela professora de Educação Física da Escola Estadual Osório de Moraes.

Como técnica e instrumentos de coleta de dados, elegemos a inquirição oral, assim como um roteiro de entrevista, gravador e caderno de anotações para pesquisa de campo; fichas-resumo para pesquisa bibliográfica e documental; e também uma Estratégia de Ensino do conteúdo Dança criada por Crozarra (2005) e adaptada para realidade da Escola Estadual Osório de Moraes, fichas de contingências e avaliações sobre as aulas ministradas no caso da pesquisa quase-experimental.

Por fim, procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa dos dados e os organizamos os dados em tabelas, blocos de registro e fichas de resumos para facilitar a análise, compreensão e interpretação dos mesmos.

V - RESULTADOS

Sobre a inquirição oral com os professores de Educação Física

Por meio deste estudo constatamos que:

- 1) Os professores de Educação Física das escolas estaduais, particulares e municipais de Coromandel/MG tiveram dificuldades em conceituar a dança. Sabemos que conceituar não é uma tarefa fácil, ainda mais quando somos inquiridos oralmente, mas grande parte (52%) dos professores foram superficiais e vagos em suas respostas (insuficientes) e, além disso, reduziram-na ao movimento (aspecto motor).
- 2) Satisfazendo um pouco mais nossas expectativas, 28% dos professores entrevistados, responderam razoavelmente o que é dança, mencionando outros elementos como terapia, relaxamento e expressão de sentimentos, além do aspecto motor.
- 3) O restante das respostas (20%) foram classificadas como boas, pois também entendem a dança como manifestação cultural, histórica, lúdica, educacional e afetiva, aproximando-se mais do conceito que tomamos como ideal para este estudo.

Apesar dos dados apresentados, acreditamos que os resultados poderiam ser melhores, pois elementos essenciais deixaram de ser contemplados nas respostas, quais sejam: a música, o ritmo, a possibilidade de socialização, comunicação, redução da introspecção, exploração e construção de instrumentos musicais. Além disso, quando os

professores mencionam o aspecto motor, terapêutico e educacional, não se preocupam em explicitar quais, como, de que forma, por meio de quais atividades, instrumentos, ambientes. Talvez falte os professores investirem em sua formação continuada, lerem, escreverem, construírem e produzirem sempre, aproximando-se mais da racionalidade reflexiva.

A leitura e reflexão farão com que o professor seja agente de dois processos de transformação. Primeiramente, uma transformação interna, no seu modo de entender as relações sociais, depois uma transformação externa, colaborando com a transformação social, ajudando outras pessoas a entender o que eles conseguiram entender (BARBOSA, 1997, p.26)

A dança é um elemento da nossa cultura que contribui e muito para o entendimento de nossa sociedade, portanto ela deve ser conhecida, ensinada, criticada e recriada nas escolas, colaborando assim com a formação de indivíduos mais sensíveis, críticos, criativos e transformadores.

A respeito da contextualização da dança na escola e nas aulas de Educação Física, 80% dos professores inquiridos acreditam que a dança pode ser contextualizada na escola e principalmente nas aulas de EF. Eles também salientam que a dança trabalhada na escola deve ser diferenciada daquela aplicada nas academias.

De modo geral, esses professores acreditam que a dança pode ser contextualizada por meio das atividades lúdicas, conciliadas ao esporte e às brincadeiras.

Por outro lado, 20% professores afirmam que a dança não pode ser contextualizada na escola e/ou nas aulas de EF. Como justificativa, eles apontam principalmente preconceito e resistência por parte dos alunos.

Alguns sujeitos entrevistados acrescentaram que seria interessante se os professores de outras disciplinas também trabalhassem esse conteúdo em parceria com o professor de EF, pois assim o aprofundamento seria maior, já que a dança é tão rica em conhecimento. Outros complementaram dizendo que o ideal é a dança ser ministrada por um professor especializado, com maiores condições de apoiar o aluno.

Alguns professores ainda afirmam que a dança não é um conteúdo da EF, não faz parte do seu planejamento e do cronograma anual, nem é discutida ou inserida no Projeto Político Pedagógico da escola.

Apesar de grande parte dos inquiridos reconhecerem e trabalharem a dança como parte da cultura corporal das aulas de EF, muito nos surpreende um profissional formado não reconhecer esse conteúdo como parte de sua profissão. Na matriz curricular de qualquer curso de Graduação em EF está inserida a disciplina Dança e, portanto, é

importante, faz parte, deve ser estudada e compreendida pelo discente. A capacitação deste para o ensino do conteúdo dança, futuramente enquanto profissional, deve ser garantida, mas não em sua totalidade, cabe ao discente (ou profissional já formado) buscar sua capacitação constantemente, principalmente naquelas áreas que tenha maior dificuldade ou conhece menos. Além disso, um bom profissional não ensina apenas aquilo que gosta, mas o conteúdo e os valores que contribuam com a formação ampliada e restrita do educando.

Sobre o conteúdo dança nas aulas de EF, das respostas obtidas, 48% dos professores não tratam o conteúdo dança nas aulas de EF. Isso ocorre, segundo os entrevistados, por vários motivos, dentre eles: o espaço físico da escola, a falta de aceitação dos alunos (principalmente os de idade mais elevada e do gênero masculino), falta de preparação do professor e afinidade pelo conteúdo dança.

Os outros 52% dos professores disseram que trabalham a dança em suas aulas, porém deixaram claro que só existe uma boa aceitação nas séries iniciais do ensino fundamental (observamos que a maioria desses professores trabalham com esse nível educacional).

Esses professores trabalham a dança por meio das brincadeiras, da recreação, das cantigas de roda e também para as festividades da escola, geralmente com os alunos que se interessam (a minoria). Muitas vezes os ensaios acontecem fora do horário regular da aula de EF, em locais variados como: a quadra, o pátio, as salas e galpões da escola. Quanto aos materiais, são utilizados: som, CDs, DVDs, bastões, bambolê, bola, fita, cordão, jornais, colchonetes, crepom e materiais construídos pelos próprios alunos.

Em se tratando da avaliação do processo de ensino-aprendizagem nas aulas, ao analisar as respostas dos professores, percebemos que a maioria enfatiza as habilidades motoras e a participação dos alunos nas atividades.

A partir dos resultados obtidos, resta-nos a preocupação de que o aluno pode estar aprendendo dança sem sentido/significado, como uma prática acrítica e destituída dos fatores históricos que o ajudarão a compreender a cultura que o cerca e a compartilhar sentimentos, expressões afetivas, sociais e comunicativas, além da função instrumental (saber fazer – gesto motor).

Esses professores disseram que as maiores dificuldades enfrentadas são o espaço físico da escola, a falta de aceitação dos alunos, indisciplina, preconceito, escassez de materiais, a timidez e falta de competência e preparação para ministrar as aulas de dança. Entretanto, podemos pensar: quando imaginamos o conteúdo dança idealizamos uma sala

espaçosa, arejada e com espelhos enormes, não é isso? Da mesma forma, quando pensamos no esporte imaginamos uma quadra coberta, bolas novas, materiais variados, não é verdade? A diferença é que a maioria das escolas não tem nenhuma das duas estruturas físicas e materiais que gostaríamos, porém não deixamos de ministrar o esporte mesmo diante das limitações que dispomos. Por que então deixar a dança? Acreditamos que seja preciso refletir se realmente o espaço físico é um empecilho.

Quanto à aceitação dos alunos, será que o professor motiva-os para as aulas de dança? Têm a preocupação de mostrar a importância desse conteúdo para a sua formação? Ou será que a dança só aparece como um elemento decorativo nas festividades da escola?

Em relação ao preconceito, segundo o mini-dicionário da língua portuguesa, Mini Aurélio, a palavra “preconceito” significa “idéia preconcebida, suspeita (...)” (p.588). Talvez esse “preconceito” exista porque os alunos não possuem um conhecimento mínimo da dança, até mesmo por uma falta de oportunidade de estudá-la (e não espere que o professor de matemática ministre dança, este conteúdo é não é de sua responsabilidade e competência). Será que não é mais plausível preparar-se, utilizar a habilidade artística do professor reflexivo, ministrá-la e apenas depois avaliar as dificuldades ou possibilidades de implementá-la nas aulas de EF? Além disso, preconceito é algo para ser superado e como educadores devemos encarar esta responsabilidade e não fugir dela. Por quê não utilizar a dança nesse sentido?

E, por último, referente à falta de preparação do professor, acreditamos que esse fator não pode privar o aluno de vivenciar o conteúdo dança. Hoje ela é contemplada na graduação assim como vôlei, o handebol, o futebol, cabe ao professor não estagnar após a graduação, mas sim investir sempre em sua formação continuada. Formação esta que não se limita apenas à participação em cursos e palestras ou ao ingresso em cursos de pós-graduação, mas que está ligada à prática pedagógica, à produção contínua do conhecimento como agente ativo, crítico, cujo conhecimento e reflexão está na ação.

Sobre a existência de apoio por parte da comunidade escolar. Ao analisar essa questão, constatamos que grande parte dos professores (64%) diz que há um apoio por parte da escola para ministrarem a dança. Por outro lado, 36% professores disseram que não existe apoio nenhum por parte da comunidade escolar. Esses professores também comentam que já procuraram a comunidade escolar, mas a escola só recorre à dança nas comemorações festivas e que ainda assim é muito pouco o apoio que ela oferece.

Refletindo sobre esses dados, colocamo-nos como professores das escolas em que trabalham os entrevistados e nos perguntamos: será que eu ministro ou não a dança porque a escola apóia ou deixa de apoiar, ou porque eu tenho autonomia para selecionar aqueles conteúdos que são ou não importantes para determinada realidade, seguindo a capacidade sócio-cognoscitiva do estudante?

Bem, fica mais essas questões para refletirmos junto com o leitor as possibilidades de inferência dos dados.

Sobre a disciplina dança no Curso de Graduação. Dos professores entrevistados todos tiveram a disciplina dança durante a graduação, 28% dos mesmos citaram ela foi bem contemplada, interessante e, além disso, muito bem aceita por toda a turma. Eles também acrescentaram que não basta apenas o docente universitário ser excelente e as aulas “legais”, primeiro é necessário gostar do conteúdo.

Esses professores disseram que a disciplina contribuiu em grande parte para que eles pudessem entendê-la e ministrá-la enquanto conteúdo da EF.

Do contrário, o restante dos professores inquiridos (40%), apontou que a dança no período da graduação lhes proporcionou uma vivência e aprendizagem básica, oferecendo uma noção para trabalhá-la na escola de forma bem superficial. Ainda complementam dizendo que é preciso buscar mais conhecimento e atualizar sempre, pois essa disciplina é contemplada na graduação apenas um semestre.

E, 32% dos professores, citam que a disciplina dança na graduação foi insuficiente, vaga, desinteressante e foi voltada para academia.

Esses professores deixam claro que todo o conhecimento e vivência que possuem com a dança se deram por meio de cursos e auto-estudos. Isso é importante, pois sabemos bem que o ensino superior representa apenas uma “formação inicial” e não “total”, “finita”, “inquestionável”. Lógico que ela nos norteia e auxilia, mas nunca nos completa. Entretanto, isso não significa que a disciplina dança ou qualquer outra deve ser mal ministrada na graduação. Pelo contrário, o docente deve perspectivar o ensino de qualidade sempre.

Além disso, esperamos que os professores não se apóiem ao fato de terem passado por dificuldades ao longo da graduação para tentar justificar a ausência do conteúdo dança nas aulas de Educação Física.

Quanto à pesquisa quase experimental

Ao procurarmos as escolas para realização dessa etapa, enfrentamos resistência por parte de alguns professores no sentido de abrirem o espaço/tempo de suas aulas para aplicarmos a Estratégia de Ensino que adotamos como instrumento deste estudo. Na primeira escola, o professor disse que era preciso fazer uma sondagem para saber quem se interessaria pelo conteúdo dança e que não era a favor de todos participarem, sugerindo que a participação dos alunos fosse opcional. Na segunda e terceira escola, os professores colocaram o preconceito, a timidez, a falta de aceitação, o espaço físico, a falta de gosto pelo conteúdo e o não saber dançar como obstáculos para aplicação da Estratégia.

Diante disso, optamos por procurar uma quarta escola, pois acreditávamos que:

- 1) talvez os professores das escolas procuradas inicialmente não percebessem que a dança é uma “arma” preciosa contra a timidez do aluno, o preconceito em geral e que o professor não precisa abrir mão do handebol, do vôlei, etc, para inserir a dança nas aulas de EF. Pode e deve-se contemplar todos esses conteúdos;
- 2) o professor deve se preocupar em trabalhar a dança em suas aulas porque esse conteúdo não é opcional na EF. As aulas devem ser ricas e diversificadas, visando a formação geral do aluno que, por sua vez, tem o direito de vivenciar o maior número de manifestações da cultura corporal.

Depois de muitas tentativas, encontramos uma professora, que muito bem nos recebeu na E. E. Osório de Moraes, que se interessou pela proposta e permitiu que experimentássemos a Estratégia de Ensino construída por Margareth Guitarrara Nirschl Crozara e adaptada por nós para a realidade da escola (conforme explicada nos procedimentos metodológicos).

A aplicação da Estratégia mencionada apontou aspectos positivos quanto às possibilidades de se trabalhar à dança na escola e durante as aulas de EF e permitiu que comprovássemos que a dança é possível na escola e nas aulas de EF assim como o esporte. Os alunos se interessaram pelo conteúdo sem necessidade de sondagem, espaço físico ou materiais ideais.

Durante as 14 aulas, no horário normal das aulas de EF, toda a turma do 4º no do fundamental, assim como a professora de EF da turma abraçaram a nova proposta pedagógica, o que facilitou o trabalho coletivo entre todos. Embora a professora, em alguns momentos, preferisse observar, procurávamos refletir no final de cada aula sobre os acontecimentos e dialogávamos sobre as aulas subseqüentes.

De maneira geral, foi possível contatar que é possível desenvolver Estratégias de Ensino no horário regular das aulas de EFE e a contribuição dada aos alunos é importante para sua formação individual e social, além de trazer um conteúdo diferente e motivador, tornando-os mais ativos e menos tímidos

Quanto ao debate com os professores de EF envolvidos nessa pesquisa

Para o último momento dessa pesquisa previmos uma reunião com todos os professores das escolas estaduais, municipais e particulares de Coromandel/MG, entregamos-lhes uma carta convite pessoalmente e os esperamos em reunião para discutirmos os resultados obtidos em nossa investigação. O intuito foi analisar coletivamente e ao mesmo tempo refletir sobre os resultados positivos e negativos, para que os professores pudessem ter conhecimento de todo o processo e pudessem contribuir para transformações sociais possíveis.

No entanto, esse objetivo não foi alcançado. Para nossa surpresa, do total de 25 professores, apenas um deles compareceu na reunião, o que tornou o debate pobre. Como respostas para as questões, esse professor enfatizou a falta de interesse dos professores e também sentiu-se decepcionado com o descaso.

Para Caparróz (2001), os professores reclamam da escola, da desvalorização do seu emprego, do salário, dos governos, mas não se preocupam em fazer algo para mudar essa realidade. Eles querem o emprego, mas não querem trabalhar. Estão estagnados, não se preocupam em renovar a prática pedagógica, atualizar-se, conhecer as novas propostas, diferenciar as suas aulas, ousar mais, estudar, planejar investir na formação continuada, eles esquecem ou talvez nem saibam que a escola também é um espaço de formação docente, é na prática, no planejar, experimentar, refletir, reconstruir que ele estará se aperfeiçoando. Onde está o compromisso e responsabilidade desses professores que não se preocupam em ampliar os seus conhecimentos, que não compreendem que o conhecer não nos basta, não garante que estará em prática, pois a prática “requer um processo lento de erros, acertos, ajustes, diálogos, reflexão, troca de experiências; enfim uma postura em que o professor perceba-se como sujeito que desenvolve um trabalho que exige uma formação construída e desenvolvida a partir do (e no) seu próprio cotidiano docente.” (p.205).

A intenção desse debate era justamente proporcionar esse momento de reflexão, de troca de experiências, de repensarmos coletivamente sobre a prática pedagógica e de

conhecermos essa nova proposta do PCTP que está dando certo e vem a cada dia ganhando mais espaço dentro das aulas de EF.

Ao conhecermos um pouco desta realidade escolar, pudemos verificar o comodismo dos professores que tanto limitam suas aulas, trabalhando de maneira tradicional e monótona e privando, muitas vezes, seus alunos de usufruírem de um dos maiores prazeres do ser humano: o dançar. Um dos fatores que podem justificar essa conduta profissional, segundo Caparróz (2001), é o medo do novo, a resistência à mudança, o choque entre a tradição e o novo, fatores que favorecem o não repensar sobre a prática pedagógica na concretude escolar. (p.206)

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Acreditamos que todo o processo desenvolvido na presente investigação científica foi importante, pois representa uma forma de pressionar, incentivar e conscientizar os profissionais da área sobre a possibilidade efetiva de contemplar a dança como conteúdo curricular de maneira organizada e seqüencial, dando significado, significado e qualidade ao processo educacional.

Nesse estudo as observações feitas durante os estágios supervisionados foram aqui confirmadas e, além disso, pudemos levantar outros dados e reflexões:

- 1) Os professores apontam inúmeros motivos pelos quais a dança vem sendo tratada de forma tão superficial e mecânica nas aulas de EF, como por exemplo a má formação inicial;
- 2) É preciso refletir se a disciplina dança na graduação está preparando o professor para ministrá-la na escola e se o seu enfoque está na academia, pois os resultados desse estudo mostram que os professores possuem um conhecimento bastante limitado sobre a dança. Será que estes professores estão saindo da graduação com condições de entendê-la e ministrá-la? Precisamos muito refletir sobre esse conhecimento que não pode ser insuficiente e vago durante na graduação, precisamos fazer uma avaliação dessa disciplina, não só na escola, mas também na graduação.
- 3) Para conhecermos as possibilidades e limites de se trabalhar a dança, o nosso estudo implementou uma estratégia de ensino sobre o eixo temático: Expressão Corporal, na qual os alunos tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar a dança no contexto da EF. Observamos como possibilidades principalmente a participação dos alunos nas aulas e o reconhecimento da importância e os benefícios da dança para a formação ampliada dos mesmos. É possível conhecermos e vivenciarmos a nossa cultura corpórea, que foi sendo construída ao longo da história da humanidade, dentro das aulas de EF. Como limite, observamos principalmente a falta de interesse por parte dos professores que não se preocupam em renovar a prática pedagógica, de mostrar a importância desse conteúdo para seus alunos, criar oportunidades para que eles possam vivenciar a dança dentro da escola.

Os objetivos desse estudo foram alcançados parcialmente, pois ao nos referirmos a nosso último objetivo específico, proporcionar o momento de debate com todos os professores envolvidos na pesquisa, de 25 professores apenas um compareceu, e um debate entre duas pessoas é muito pobre. O descaso desses professores nos aponta poucas expectativas de mudanças. Depositamos as nossas esperanças nos nossos colegas, e nas novas turmas de EF.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, G. A. **Planejamento de Currículo na Educação Física**: Possibilidade de um Projeto Coletivo para as Escolas Públicas de Uberlândia/MG. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de São Paulo/SP.
- ANDRADE, E. V. **Planejamento Coletivo e o Trabalho Pedagógico de Educação Física na Escola de Educação Básica da UFU**: Avanços e Possibilidades. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia/MG.
- ANDRADE, E. V. et al. **Educação Corporal como Componente Curricular de um Curso de Formação de Professores, nível Magistério Superior**: descrição de uma Estratégia de Ensino. Disponível em: <[HTTP://www.faei.ufu.br/nepecc](http://www.faei.ufu.br/nepecc)> Acesso em: 21 abr.2008.
- BARBOSA, C. L. A. **Educação Física Escolar**: da Alienação a Libertação. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentido e possibilidades na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- BRASIL – MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASILEIRO, L. T. **O conhecimento no currículo escolar**: o conteúdo dança em aulas de educação física. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- CAPARRÓZ, F. E. **Discurso e Prática Pedagógica**: elementos para refletir sobre a complexa teia que envolve a Educação Física na dinâmica escolar. In: Caparroz, F. E. (org.) Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001. p. 193 - 214.
- CROZARA, M. G. N. **Expressão Corporal**: vivenciando e modificando a Dança na Escola. Disponível em: <[HTTP://www.faei.ufu.br/nepecc](http://www.faei.ufu.br/nepecc)> Acesso em: 21 abr.2008.
- DIAS, C. A.; MORAES, L. C.; PALAFOX G. H. M. **Dança e Educação Física**: Vivendo e Conhecendo o “Forró” Disponível em: <[HTTP://www.faei.ufu.br/nepecc](http://www.faei.ufu.br/nepecc)> Acesso em: 21 abr.2008.
- DIAZ, Natasha do Amaral, **A importância da linguagem do movimento na construção da aprendizagem infantil**. Disponível em: <[HTTP://www.faei.ufu.br/nepecc](http://www.faei.ufu.br/nepecc)> Acesso em: 21 abr.2008.
- FERREIRA, A. B. H. In: **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GARIBA, C. M. S. **Dança escolar**: Uma linguagem possível na Educação Física, (2005). Disponível em: <[HTTP://www.efdepoxtes.com/revistadigital](http://www.efdepoxtes.com/revistadigital)> Acesso em: 08 abr.2008.
- GASPARI, Telma Cristiane, **A dança aplicada às tendências da Educação Física Escolar**. Vol.8 (2002). Disponível em: <[HTTP://www.xc.unesp.br/IB/efisic/matriz/08n3/Gaspari.pdf](http://www.xc.unesp.br/IB/efisic/matriz/08n3/Gaspari.pdf)> Acesso em: 08 abr.2008.
- MARQUES, Isabel A., **Dançando na Escola**, vol. 3. (1997). Disponível em: <[HTTP://www.rx.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/artigo3.pdf](http://www.rx.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/artigo3.pdf)> Acesso em: 08 abr.2008.
- RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, educação física**: propostas de ensino da dança e o universo da educação física. Jundiá, SP: Fontoura, 2002.
- ROSA, W. **O ensino de Dança na Escola**: conversando com professores. Disponível em: <<http://www.conexaodanca.art.br/artigos.htm>> Acesso em: 19 abr.2008.
- SOUZA, I. S. **Corpo, exercícios físicos e ideologia**: as contradições do discurso hegemônico na sociedade capitalista. Disponível em: <[HTTP://www.faei.ufu.br/nepecc](http://www.faei.ufu.br/nepecc)> Acesso em: 21 abr.2008.